

UMA NOVA DIOCESE EM SANTA CATARINA DIOCESE DE ITAJAÍ: *URGENTE!*

No ano 2000, dois anos depois da diocese de Criciúma, foi criada a décima diocese do nosso Estado, a de Blumenau. Em abril de 2009, há quase quatro anos, em meio à vibração da celebração litúrgica da “posse”, ou seja, do início do ministério episcopal de seu segundo Bispo, Dom José Negri, na magnífica Catedral de São Paulo Apóstolo, meu pensamento revoou para outra “magnífica Catedral”, já pronta, mas sem Bispo, a de Itajaí. E continua revoando...

É que, entre as dioceses do nosso Estado, a Arquidiocese já tem três vezes a população da diocese de Blumenau, e cinco vezes a população das de Rio do Sul, de Lages, de Caçador, de Joaçaba etc. E a população da Arquidiocese cresce a olhos vistos, num crescimento desproporcional ao das outras dioceses.

Ora, na eclesiologia da Igreja Particular, recuperada pelo Vaticano II, mas evidente nos textos do Novo Testamento – vejam-se as cartas às Igrejas, nos cc. 2 e 3 do Apocalipse e também as cartas de Inácio de Antioquia, no início do século II – a Igreja particular, ou local, concentra-se na pessoa do Bispo, que deve ter acesso viável a seu rebanho. Não seria solução bíblico-eclesiológica um Vicariato Episcopal, com um Bispo-auxiliar, p. ex., em Itajaí. Não é a mesma coisa. Até em questão de patrimônio, veja-se o que Criciúma, criada em 1998, e Blumenau, criada em 2000, construíram em poucos anos! Por esses e outros motivos, é urgente a criação imediata da diocese de Itajaí.

Que municípios a integrariam? Naturalmente, Navegantes deveria unir-se a Itajaí. Depois, os municípios litorâneos de Camboriú, Balneário Camboriú, Itapema, Porto Belo, Bombinhas... Só esses municípios dariam uma população maior que a da diocese de Blumenau!

Quanto aos municípios interioranos de Brusque, Nova Trento, S. João Batista, Canelinha, pertenceriam à nova diocese, ou, por causa dos Santuários de Azambuja e Nova Trento, afetivamente ligados a Florianópolis, poderiam continuar com a Arquidiocese?... São perguntas e questionamentos que devem ser considerados, debatidos, mas não contra-



riam a proposta. Quanto ao Seminário de Azambuja, por que não poderia no início servir às duas dioceses, até que Florianópolis crie seu próprio Propedêutico e/ou, também, seu Filosofado e Seminário Menor?

Só a Ilha de Santa Catarina ultrapassou a casa dos 400.000 habitantes, população já suficiente para uma diocese. Era, aliás, o total da população de todo o Estado em 1908, quando da criação da diocese de Florianópolis, que abrangia toda Santa Catarina. Mas temos, ainda, junto à Ilha, a “Grande Florianópolis”, que inclui Biguaçu, São José, Palhoça, além de outros municípios interioranos, numa população que ultrapassa os 800.000, já muito grande para uma diocese. Isto, em termos de Santa Catarina, que nunca foi macrocéfala, mas agora estamos todos percebendo a litoralização da população.

Essas reflexões são as que me vieram, espontâneas, tarde da noite daquele dia tão belo da “posse” do novo Bispo de Blumenau. Então, quase quatro anos atrás, divulguei este texto por email, sem publicá-lo na imprensa. Agora, que a Arquidiocese acaba de aprovar um Plano de Pastoral “com vigência para dez (10) anos” e que, apesar de constatar o fato do enorme crescimento populacional, não faz sequer menção de encaminhar uma nova circunscrição eclesial, penso, com a liberdade acadêmica e a responsabilidade de presbítero já octogenário, que é preciso discutir abertamente o problema.

Claro que será preciso acrescentar, ainda, preto sobre branco, mapas e dados de superfície e população da diocese proposta, de necessidade inegável. O crescimento populacional é um fato que requer uma solução administrativo-eclesial adequada aos “sinais dos tempos”, e isso com urgência.

É o que torno a propor – porque já o fiz mais vezes, verbalmente, em encontros e assembléias – e agora o faço por escrito, nesta revista da FACASC/ITESC, dirigindo-me, além de aos nossos primeiros leitores, os Professores e Alunos da Faculdade, também aos colegas no Presbitério, aos irmãos do Diacônio, ao Conselho Presbiteral, ao Conselho Arquidiocesano de Pastoral, ao Conselho Arquidiocesano de Leigos, ao Coordenador Arquidiocesano de Pastoral, ao Vigário Geral e, enfim, ao sr. Arcebispo Metropolitano e demais Bispos do Estado. E, por que não, logo que possível, à Nunciatura? Mas, também, não seria oportuno um abaixo-assinado do povo e da cidade de Itajaí e comarca respectiva?



Numa das estrofes do Hino do Centenário da diocese, em 2008, de minha lavra, cantávamos assim: “*Em Santa Catarina a Igreja cresceu, deu frutos: / de uma só diocese, agora são dez!*” Espero podermos cantar novamente esses versos, mas com pequena modificação: “*de uma só diocese, agora **mais** dez!*” E que tudo se faça para o maior bem da Igreja e para a maior glória do seu Senhor.

Florianópolis, 02 de dezembro de 2012, 1º domingo do Advento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

*Pe. Ney Brasil Pereira, professor na FACASC/ ITESC,
membro da Pontifícia Comissão Bíblica, e Coordenador
Arquidiocesano da Pastoral Carcerária*



NOSSO DEUS, UM DEUS QUE SE REBAIXA PALAVRAS AOS FORMANDOS DO ITESC – 2012

Caríssimos bacharelandos: quando todos celebramos o triunfo de um ano que passou, felizes pelas vitórias alcançadas, o Espírito nos assusta colocando diante de nós o Deus Menino na gruta de Belém, pobrezinho cercado por pobres, para nos chamar a atenção: a vitória cristã é a pobreza de Deus, a riqueza da Igreja é adorar o Senhor que se faz pouca coisa. Somente assim teremos a alegria da fé, a felicidade que nos faz aceitar ser loucos aos olhos do mundo, mas, inteiramente livres para adorar um Deus Menino.

Como fomos acostumados a refletir sobre Deus a partir da filosofia, da metafísica, temos dificuldade de pensar Deus, a criação e a redenção, com os critérios da revelação bíblica, da história da Salvação, pois, nela, Deus se revela como “aquele que se diminui”, aquele que se contrai, se autolimita, enquanto preferimos um deus que se expande, se impõe poderosamente.

Antes da criação, Deus ocupava todo o Universo, de modo que não haveria lugar para as criaturas. No seu amor, Ele se diminuiu, se contraiu para dar lugar à criação. Ele, perfeito, despiu-se de parte de seu poder e criou o espaço para sua obra. Simone Weil (1909-1943), encantadora filósofa e teóloga francesa, que percorreu os caminhos do judaísmo, ateísmo e chegou ao catolicismo (religião dos pobres e ignorantes, por isso verdadeira) sem aceitar o batismo (julgava a Igreja incapaz de se identificar com os pobres) afirmou em sua obra *A sombra e a Graça*: “Deus, junto com todas as suas criaturas, é menos do que Deus sozinho”. Então, por que criou o mundo? Por amor e com amor. Loucura de amor.

É nesse espaço de autolimitação, diminuição, que nós podemos fazer uso da liberdade, entrar em diálogo com Deus. E é nessa liberdade que podemos entender as grandes tragédias da humanidade, as guerras, os genocídios que Deus permite porque, por sua decisão, não é mais perfeitamente onipotente. É incrível, mas o Deus dos judeus e dos cristãos é um Deus enfraquecido pelo amor. Dois pensadores e teólogos contemporâneos, André Neher e Hans Jonas, conduzem a essa verdade a partir da reflexão bíblica e da cabala judaica. Aceitam o *Tzimtzum* – contração – termo hebraico que a cabala usa para designar essa autolimitação divina para possibilitar a criação.

Bento XVI, seguindo a tradição bíblica, expõe o amor erótico de Deus pelo ser humano, o que é possível somente com a diminuição de



Deus: “O amor apaixonado de Deus pelo seu povo — pelo homem — é ao mesmo tempo um amor que perdoa. E é tão grande, que chega a virar Deus contra Si próprio, o seu amor contra a sua justiça. Nisto, o cristão vê já esboçar-se veladamente o mistério da Cruz: Deus ama tanto o homem que, tendo-se feito Ele próprio homem, segue-o até a morte e, deste modo, reconcilia justiça e amor” (*Deus caritas est, 10*). Deus é totalmente transcendente, está acima de tudo, e é totalmente imanente, está em tudo. Somente o amor é capaz desse milagre, aceitável apenas por quem sabe o que é amar. Criação e redenção só existem como fruto do rebaixamento de Deus cuja última “contração” é encarnar-se em Jesus de Nazaré.

Por amor e com amor “no princípio Deus criou o céu e a terra”, sem medo de competição das criaturas, mas para entrar em diálogo com elas.

Jesus, uma doença que não tem cura

Deus rebaixou-se sempre mais, sempre por um amor estranho. Ele foi ao encontro de Abraão em Ur da Caldéia. Anos depois, foi ele que visitou o velho Patriarca para anunciar-lhe que a velha Sara conceberia. Ele desceu para comunicar-se com Jacó, chegando a lutar fisicamente com ele e, no final da luta, ferindo-o na coxa.

Ele desceu para falar com Moisés, não se cansou de ter paciência com os cabeçudos hebreus no deserto. Quando o povo o esquecia, era Deus quem o procurava pelos profetas, pelos Santos da velha Aliança. E, como já lembramos acima, cansado de falar diretamente com seu povo, povo rebelde, enviou seu Filho que, no meio de nós, viveu todas as experiências humanas da pobreza, da alegria e da festa, da dor, da incompreensão, da ingratidão, cruz, morte e ressurreição.

Abū Bakr Muhammad ibn ‘Alī ibn ‘Arabi (1165-1240), místico muçulmano sufi, filósofo e teólogo nascido na espanhola Andaluzia e falecido em Damasco, recebeu uma consulta a respeito de converter cristãos para o islamismo. Para ele, era trabalho perdido: “Os que sofrem da *doença chamada Jesus* nunca se recuperarão”. Seguir a Jesus é uma doença incurável. Não há remédio ou terapia que restabeleça a “saúde” dos seguidores de Jesus. Nem os campos de reeducação chineses, nem os gulags soviéticos, nem as igrejas, neles anulam a humanidade da fé.

Paulo, doutor na escola de Jerusalém, cidadão romano, fez a experiência de trocar tudo pela loucura da cruz, e testemunhava: Deus escolheu o que para o mundo é loucura e fraqueza para envergonhar os



sábios e fortes, escolheu o que não tem nome nem prestígio, que não é nada, para mostrar a nulidade dos importantes (cf. 1Cor 1,18.27-28). De fato, às vezes, uma igreja feita de sábios, teólogos e doutores, não é capaz de dar testemunho da “loucura da cruz”, do amor pelo Crucificado, pelo Desprezado, pelo Alienado que morreu na cruz. Prefere optar por refinadas teologias que não exigem o sacrifício da sabedoria humana.

Diante de um espantado Pilatos que lhe perguntava se era rei, o Abandonado declarou com toda segurança: “Tu o dizes. Eu sou rei!”. O pobrezinho estava sujo de escarros, sangue, açoites, tabefes, sem amigos que o defendessem na hora da condenação à morte, e se diz “rei”. Um rei muito diferente e, por isso mesmo, rei verdadeiro, um rei acima do poder, da força, da riqueza, um rei apenas rei. Pouco antes, traído por um discípulo, aceitara ser trocado por 30 moedas. Sua doação era total na hora em que, à sua libertação, seus amados preferiram a do criminoso Barrabás: amava sem nenhum desejo de retribuição a não ser ouvir a palavra “ele nos amou até a morte”. Ressuscitado, sai à procura dos Apóstolos que o abandonaram vergonhosamente e, ao negador Pedro, entrega o cuidado dos seus.

Os frutos do presépio e da cruz

No decorrer dos séculos, discípulos de Jesus aceitaram viver a alegria da loucura da cruz na perseguição, entregues às feras, na doação da vida pelos sem vida ou escondidos no deserto. Quando Atanásio perguntou a Santo Antão o que eram os monges, logo respondeu que “eram leigos sem importância”.

Francisco de Assis (†1226) se auto-definia: “sou o palhaço de Jesus”, “sou o louco em Cristo, ingênuo e ignorante”.

Inácio de Loyola (†1556) definia sua companhia de jesuítas como “sociedade de loucos e dos que professam a loucura”. Ele recomendava que vez ou outra se escolhesse um superior meio “desparafusado” para obedecer-lhe em decisões estapafúrdias e assim não se dar muita importância ou seriedade.

Marcelo Cândia (†1983), rico industrial italiano, vendeu tudo e veio trabalhar com os leprosos em Marituba, no Pará: um rico que se fez pobre para se tornar santo. E ele o fez por um motivo simples: queria ser feliz e trocou o nada da riqueza pelo tudo do amor.

Jornalista americana, observando Madre Teresa de Calcutá (†1997) tratando carinhosamente de um doente coberto de feridas, exclamou: “Madre Teresa, nem por 5 milhões de dólares eu faria isso”, ao que



Madre Teresa retrucou: “Nem eu!”. Era a loucura do amor a força que a impelia a essa consagração.

A *doença Jesus* é especialmente indicada para quem quiser possuir a verdadeira alegria. Precisamos lembrar com maior frequência que o programa que Jesus nos ofereceu está nas “bem-aventuranças”, na felicidade somente alcançada por quem assumir a simplicidade como regra de vida (cf. Mt, 5).

O servo de Deus François Van Thuan (†2002) bispo e cardeal vietnamita que passou 13 anos em cárceres imundos, afirmava que seu fascínio por Jesus tinha origem nos “defeitos” de Jesus: *má memória* (esquece os pecados quando perdoa, como ao Bom Ladrão), *mau matemático* (deixa 99 ovelhas garantidas para procurar uma extraviada), *sem lógica* (os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros), *mau candidato* (a quem o segue promete cruces e perseguições), *mau administrador* (paga o mesmo salário a quem trabalhou uma hora e a quem suou por oito), *amigo da covardia* (dar a outra face a quem bateu numa) e assim por diante.

O Evangelho é a narração humilde de uma vida humilde, cheia de pessoas pobres, doentes, pecadoras. O Evangelho é Jesus, esse pobre fascinante que nos revelou o coração frágil e paterno de Deus. Quem sentiu esse amor não tem mais cura: podem oferecer-lhe todo o ouro e poder do mundo, fama, prazeres sem conta e ele rirá de tudo. Não por desprezo, mas pela insignificância.

Após séculos de Evangelização, fala-se agora de “nova” Evangelização. Permitam-me um momento de sinceridade: como pode a evangelização ser “nova” se Evangelho é boa notícia? Por detrás não estaria, inconscientemente, o desejo de parecer nova uma estrutura envelhecida? Para evitar a necessidade de uma vida cristã nova, do mesmo modo que os governos criam ministérios e secretarias, mudando tudo para não mudar nada, segundo o princípio de Lampedusa no clássico *O Leopardo*.

Criam-se novas pastorais, organismos e um novo **Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização**. Deus nos dá a graça de termos Bento XVI, um humilde sábio e teólogo. Mas, tudo que ele faz, tem que ser cercado dos mesmos homens, da mesma solenidade que não consegue despertar o afeto e a confiança das outras Igrejas cristãs, dos pecadores em busca de redenção, dos homens e mulheres de boa vontade em busca de resposta para suas existências. Não estaria acontecendo que queiramos identificar evangelização com um modelo visível de Igreja?



Pois, não podemos imaginar que o Espírito não continue suscitando na humanidade a busca do Evangelho da Vida.

Há muita boa vontade, muito suor e trabalho na Igreja. Falta que nos rebaixemos no nível de Jesus, para ocupar o penúltimo lugar. Porque o último está ocupado, nas palavras do Padre Huvelin que ficaram indelevelmente gravadas no coração de Charles de Foucauld: *Jesus tomou de tal maneira o último lugar que ninguém jamais pode tirá-lo de lá*. Ao soberbo oficial francês que desejava discutir teologia e religião, Pe. Huvelin ordenou: “Ajoelhe-se e se confesse”. Em outras palavras, rebaixe-se e se reconheça pecador. E tinha início a aventura espiritual de Charles de Foucauld.

Enquanto os *Ibn ‘Arabi* deste mundo identificarem gente com a incurável *doença Jesus* o cristianismo e a Igreja estão com boa saúde e representarão uma ameaça ao sossego do mundo. Uma Igreja poderosa, carregada da sabedoria dos doutores e teólogos e de impressionantes estruturas e projetos, não oferece perigo para o mundo. Apenas causa boa impressão e entra na concorrência do mundanismo.

Num dia, Martinho de Tours (†397) teve uma visão: um homem resplandecente, com roupas reais, coroado com diadema de pedras preciosas, lhe falou: “Martinho, eu sou Cristo. Antes de retornar à terra quis em primeiro lugar manifestar-me a ti, pois bem o mereces”. Martinho fixou-o nos olhos e disse: “Eu não creio que Cristo voltará ao mundo com veste e aspecto diferentes daqueles com os quais sofreu a paixão, sem carregar os sinais da cruz. Afasta-te, Satanás!”.

Não têm futuro os que gozarem da ótima saúde que o mundo oferece: neles Jesus não tem seguidores, apenas admiradores que carregam cruces de ouro penduradas ao peito e cheios de razão multiplicam regras que terão a força do medo, não do discipulado. Mas, Jesus continuará oferecendo a todos o contágio da doença do amor. Até o fim dos tempos. Jesus nos oferece uma doença sem cura, sem vacina: Ele!

Caros bacharelados: essa é a beleza do anúncio cristão. Mantenha a mesma simplicidade de nosso Deus. Nunca deixem os pobres para ir evangelizar os ricos ou intelectuais, que se contentam em discutir os Dez Mandamentos e preferem discutir a fé cristã como conhecimento. Não criem muros, mas não percam os pobres de vista. Somente eles estão abertos às Bem-aventuranças.

Pe. José Artulino Besen
Itesc/Facasc – 7XII2012



Conclusão do ano letivo de 2012

No último dia 07 de dezembro foram encerradas as atividades acadêmicas da Faculdade Católica de Santa Catarina e do Instituto teológico de Santa Catarina. Dom Wilson Tadeu Jönck, presidente da CNBB – Regional Sul IV e arcebispo de Florianópolis, presidiu a missa de ação de graças, concelebrada com os padres professores ou formadores do ITESC e FACASC. Os demais membros da assembleia litúrgica eram professores, funcionários e estudantes, além de familiares e amigos dos formandos. Na homilia, Dom Wilson comparou a busca teológica e a curiosidade da fé ao pedido que o cego fez a Jesus para enxergar. Também nos estudos teológicos, buscamos a luz da razão, para abrir a mente e o coração aos mistérios da luz de Deus.

Em seguida, celebrou-se a formatura dos alunos do curso de teologia do ITESC, doze seminaristas e uma leiga. No dia anterior, os seminaristas enfrentaram a banca examinadora do *Exame de Universa* composta por três docentes, sendo um deles o professor Pe. Francisco das Chagas Albuquerque, representante do Centro de Estudos Superiores, que concede o grau de bacharelado eclesiástico aos alunos seminaristas do ITESC. Todos foram aprovados, bom número deles com notas máximas. Pe. José Artulino Besen, paraninfo da turma, agradeceu a honra do convite e deixou a todos, particularmente aos formandos, uma mensagem de comprometimento com o Cristo do Evangelho, no sentido de não se deixarem seduzir por ideologias religiosas, mas buscarem a simplicidade e a pobreza de Jesus de Nazaré. O orador da turma, Rafael Uliano, proferiu seu discurso recordando os colegas de turma que seguiram para outras missões. Disse que os formandos “não apenas passaram pelo ITESC, mas que, mais que isso, o ITESC passou por eles”. Ao final, o diretor Pe. Vitor Galdino Feller lembrou: “este evento é histórico não só para cada qual de vocês, mas para todo o Instituto, pois se trata da formatura da 40ª turma do Instituto Teológico de Santa Catarina, que neste ano celebrou a comemoração de seus 40 anos”. Encerrou pedindo aos formandos que permaneçam vinculados ao ITESC por meio da recém criada Associação Paulo Bratti, que reúne os atuais e ex-alunos do ITESC e da FACASC.

Processo Seletivo do Curso de Teologia

No último dia 2 de dezembro realizou-se o Processo Seletivo para o curso de teologia da Faculdade Católica de Santa Catarina. Foram



aprovados 21 candidatos, a maioria deles seminaristas provenientes das dioceses catarinenses. A segunda chamada, para as vagas remanescentes, acontecerá no dia 3 de fevereiro próximo, domingo, e constará das seguintes modalidades, à escolha do candidato: a) Prova dissertativa (Redação) e apresentação do Histórico Escolar do Ensino Médio ou Boletim Individual de Resultado do ENEM; ou b) Reingresso, através da apresentação de Histórico Escolar de Curso Superior, reconhecido pelo MEC. A Prova Dissertativa versará sobre o tema “Religião e fé no mundo atual”. Para prepará-la sugere-se a leitura de alguns artigos, que constam do edital, que pode ser acessado no site da FACASC.

Cursos de Extensão

A Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC – realizou na segunda-feira, dia 3 de dezembro, a formatura de mais uma turma de lideranças leigas formadas nos cursos de extensão, oferecidos às segundas-feiras à noite. A celebração aconteceu nas dependências da igreja matriz da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes e São Luiz Gonzaga, na Agrônômica. Após a missa, presidida pelo diretor Pe. Vitor Galdino Feller, os formandos receberam seus certificados. Neste ano de 2012 foram dados os seguintes cursos: Bíblia, Teologia, Liturgia, Catequese e, como novidade, também Canto e Música Litúrgica. As aulas do próximo ano terão início no dia 25 de fevereiro e serão oferecidos os seguintes cursos: Bíblia – Segundo Testamento, Teologia Sistemática, Liturgia Fundamental, Catequese-Pastoral e, como novidade, também Canto e Música Litúrgica. A coordenadora dos Cursos de Extensão, Profa. Sílvia Togneri, motivou os participantes a voltarem em 2013 para cursos que ainda não frequentaram, trazendo consigo outras lideranças de suas paróquias e comunidades, pastorais e movimentos, em vista da formação do laicato cristão da Grande Florianópolis.

ITESC celebra 40 anos

Fundado em janeiro de 1973, o ITESC iniciou naquele ano seu curso de teologia. Por isso, estamos no 40º. ano de história do ITESC. Pode-se considerá-lo como um dos frutos do Concílio Vaticano II. Nos seus 40 anos o ITESC matriculou cerca de 1200 alunos, entre seminaristas, religiosas e lideranças leigas. Contribuiu para a formação teológica e pastoral de mais de 500 presbíteros para as dioceses de Santa Catarina e do sudoeste do Paraná e para ordens e congregações religiosas. Mais de dez de seus professores e alunos foram chamados ao episcopado.



Consolidou sua biblioteca, especializada em teologia, com mais de 30 mil volumes. Conta com mais de 25 professores, qualificados com mestrado e doutorado.

A Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC –, criada pelo episcopado catarinense em 2009 e credenciada pelo MEC no final de 2011, abriga, desde o início de 2012, o curso de teologia que vinha sendo oferecido pelo ITESC desde 1973. A diferença é que, agora, sendo o bacharelado de teologia reconhecido pelo MEC, os seus estudantes podem concluí-lo com a obtenção de um diploma de graduação com validade civil. O ITESC continua a existir para dar aos alunos seminaristas a possibilidade de obterem também o bacharelado eclesiástico, reconhecido pela Santa Sé.

Para celebrar os 40 anos do ITESC, a FACASC promoveu em setembro um Congresso Teológico especial, centrado na reflexão dos documentos mais importantes do Concílio Vaticano II. Patrocinou também a apresentação da peça teatral “O Contestado”, pelo Grupo Toca de Teatro Universitário, da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC –, de Joaçaba.

No dia 15 de outubro, aconteceu o Encontro dos Ex-Alunos do ITESC. A programação constou da conferência do Pe. Antônio José de Almeida sobre o “Concílio Vaticano II: memórias e perspectivas”, a Missa de Ação de Graças, o almoço festivo, exposição de fotos e a assembleia de criação da Associação dos Ex-Alunos do ITESC. À noite, às 19 horas, na Assembleia Legislativa, houve o Ato Parlamentar Solene pela passagem dos 40 anos de fundação do ITESC.

Ação busca contribuir com evangelização juvenil e organização para JMJ 2013

Para a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Rio 2013 atingir seus objetivos, o sucesso de ações locais é crucial. Por esse motivo, a Ação Evangelizadora “Rio que Cresce entre Nós”, é promovida pelo Regional Sul 4 da CNBB (Santa Catarina) em todo o Estado. O intuito é divulgar a Jornada e viabilizar o custeio de ações de evangelização, como os shows do “Bote Fé” e a Semana Missionária.

A pedagogia da ação é inspirada no milagre da multiplicação dos pães, no qual Jesus alimenta cinco mil pessoas a partir de cinco pães e dois peixes, oferecidos por um rapaz. “O alimento chegou às mãos certas,



Jesus. Quando nas mãos certas, a coisa acontece”, avalia o secretário executivo regional Ademir Freitas.

Como no milagre, jovens voluntários são protagonistas. Percorrem suas comunidades com o material de divulgação. Eles também pedem doações correspondentes a pães (um real) e peixes (dez reais). Segundo Jonathan Velho Burigo, coordenador paroquial da Pastoral da Juventude em Timbé do Sul, eles tem sido bem recebidos. “Quando as pessoas sabem a finalidade dessa ação e que assim estão ajudando os jovens, contribuem. Tivemos alguns casos de famílias, em nossa paróquia, que contribuíram com todos os pães e os peixes do panfleto”, contou.

Como em outros locais houve a mesma recepção, o encerramento, que aconteceria em novembro, foi prorrogado pelo Conselho Regional de Pastoral para fevereiro. Camila Gonzaga, líder do Setor Juventude da Diocese de Blumenau, achou a decisão adequada, porque mais perto do fim os jovens “estão pegando o jeito”. Para ela, “é válida a prorrogação, pois dessa forma teremos um resultado bastante produtivo aqui”, analisou.

Marcelo Luiz Zapelini